



---

**As paixões humanas na sala de aula:  
ética e amizade como acontecimento filosófico-educacional**

---

Por ALONSO BEZERRA DE CARVALHO  
FABIOLA COLOMBANI

alonsoprofessor@yahoo.com.br  
fabicolombani@hotmail.com

### **Introdução**

Os acontecimentos vividos, experimentados e sofridos por professores e alunos nas escolas nos convoca a buscar saídas para questões que tocam diretamente a vida e o viver dessas pessoas, especialmente no interior de uma sala de aula. Indagamo-nos e pretendemos trazer alguma contribuição que possa, no mínimo, interpelar e problematizar os aspectos cognitivos e epistêmicos e racionais que nela predomina.

Para ir além ou complementar esses pressupostos cognitivos e epistêmicos vamos levar em consideração o campo ético, resultado de nossas relações com as paixões, como propõe Aristóteles, como uma dimensão que pode trazer para a discussão filosófico-educacional uma perspectiva diferente, que se não é nova, todavia pode favorecer posturas e rumos alternativos quanto aos dilemas e dramas que reinam no ambiente escolar. A ética nos exortaria a refletir e a examinar as crenças, os desejos, os valores, os sentimentos que constituem a existência de cada um de nós, indicando o nosso caráter plural, que se manifesta nas nossas formas de agir, sentir, falar e pensar. Isto quer dizer que, quando nos referimos a um indivíduo, aquém da pretensão de reduzi-lo a uma unidade e a uma identidade para todo o sempre, falamos de uma vida que a todo momento é atravessada por modos de existir e de ser que não se reduzem ou não podem ser compreendidos a partir de uma única configuração. Retomando Heráclito, o homem que se banha no rio hoje não será o mesmo que experimenta as águas de amanhã, que também se transformaram. A natureza humana, isto é, as características que nos distinguem de outros seres vivos, pode ser vista como marcada por ações, ideias, anseios e gostos que se modificam, contradizem-se, unificam-se e são ultrapassados, indicando o nosso caráter finito, porém incompleto e em plena mudança.





Parto da perspectiva de que há outro de nós em nós mesmos, que nos impele, que nos impulsiona, mas também um Outro fora de nós, que nos interpela a reconhecê-lo e a respeitá-lo, visto que convive socialmente comigo. Convivência, alteridade, respeito são experiências e práticas que pertencem ao campo da ética e que nos auxiliam a experimentar novas formas de relacionamento, de pensar e de agir. Neste sentido, a amizade pode ser tomada como uma prática e um estilo de existir que, se adotada e vivida por alunos e professores, faria da sala de aula um espaço aberto a relações intersubjetivas renovadas.

### **Aristóteles: sem as paixões não há ética**

Dois textos de Aristóteles expressam com muita propriedade o significado e a presença das paixões na constituição do homem: *Retórica* e *Ética a Nicômaco*. Elas seriam como um movimento que, como um dado da natureza humana, não pode ser tratado como algo a ser extirpado ou condenado. No livro II, capítulo 5 da *Ética*, quando indaga sobre o que é a virtude, Aristóteles responde que na alma humana se encontra três espécies de coisas: paixões, faculdades e disposição de caráter.

Por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor; por faculdades, as coisas em virtudes das quais se diz que somos capazes de sentir tudo isso, ou seja, de nos irarmos, de magoar-nos ou compadecer-nos; por disposições de caráter, as coisas em virtudes das quais nossa posição com referência às paixões é boa ou má. Por exemplo, com referência à cólera, nossa posição é má se a sentimos de modo violento ou demasiado fraco, e boa se a sentimos moderadamente; e da mesma forma no que se relaciona com as outras paixões (ARISTÓTELES, 1987, p. 31).

Podemos arriscar dizer que as paixões seriam, então, o ponto de partida para a formação do caráter dos indivíduos. A avaliação de nossas condutas – se louvadas ou censuradas – não é feita por sentirmos paixões, mesmo porque ninguém se encoleriza intencionalmente, o que quer dizer, que não escolhemos sentir essa ou aquela paixão. Isto significa que só somos julgados e responsabilizados pelas nossas virtudes e vícios, que são formados pelo modo como usamos as paixões. “Sentimos cólera e medo sem nenhuma escolha de nossa parte, mas as virtudes são modalidades de escolha, ou envolvem escolha. Além disso, com as paixões se diz que somos movidos” (ARISTÓTELES, 1987, p. 31).





Desdobrando melhor a proposta aristotélica, talvez caiba aqui um aprofundamento ou uma explicitação dos elementos essenciais que a compõe. Grosso modo, e pensando a partir de uma pragmática, isto é, de sua funcionalidade na conduta humana, a paixão diz respeito ao que sentimos e experienciamos no nosso cotidiano. Ela é uma tendência ou uma inclinação que tem a função de nos mobilizar, tendo como resultado, frequentemente, uma ação posterior, daí o caráter de passividade que nos atinge. Quando reagimos a uma ofensa, por exemplo, sentindo raiva, não haveria a possibilidade de fazermos uma escolha, mantendo a calma e a tranquilidade. “A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro” (LEBRUN, 1987, p. 18).

Como pertencente às coisas do mundo humano, as paixões não dependem de nós para senti-las e vivenciá-las, sendo que isso não nos isenta de agirmos de maneira responsável em direção ao seu domínio, dosando-as, pois somos seres também dotados de razão.

As paixões estão bem ancoradas na constituição do sujeito moral, em quem elas têm um papel preponderante tanto para seu caráter quanto para o início das ações, enquanto a razão prática opera em seu interior, podendo não somente melhor as dirigir à meta almejada, mas também – e sobretudo – pôr um freio ou mudar a direção de seus movimentos, tornando o sujeito moral um agente moderado no tocante às suas emoções porque ele é um agente racional no sentido forte do termo, aquele que segue a razão em suas ações. (ZINGANO, 2009, p. 146-147)

Ou seja, os outros nos julgam como seres ético-virtuosos observando como nos movimentamos em relação às nossas paixões. Deste modo, e visto que o julgamento ético sempre se direcionará ao modo com que uma pessoa age diante de suas paixões, então, não há ética sem as paixões. Assim, o homem virtuoso, não seria aquele que lança mão de suas paixões nem aquele que as abandona, mas aquele que sabe dosar o quanto de paixão uma determinada conduta comporta nas circunstâncias que se defronta.

Do ponto de vista da educação, cabe a função de reconhecer e ensinar o homem a dominar suas paixões e não extirpá-las ou saciá-las. E dominar nada mais é do que utilizá-las adequadamente e não aniquilá-las, como pretenderam várias correntes filosóficas. Assim, é de estranhar quando queremos impor ou inculcar juízos éticos a priori, impossibilitando ao indivíduo fazer suas experiências passionais. Dito de outra maneira, quando queremos





atribuir à ética o papel de uma lei moral e jurídica, como pretendia a ética cristã e outras éticas do dever, por exemplo, estamos diante de um problema que nos impede de chegar o mais próximo possível do humano que somos.

A regulação ética não é exercida através de uma lei judaico-cristã, mas pela opinião de um expectador prudente, que aprovará/desaprovará minha conduta e avaliará se eu soube usar convenientemente minhas paixões. Não é a uma lei que eu devo referir minha conduta, mas à opinião moderada dos outros (...); a ética aristotélica é mais um tratado de *savoir-vivre* do que um tratado de moral (LEBRUN, 1987, p. 21).

Também entendida como o mundo das emoções (ZINGANO, 2008; 2009), as paixões seriam, então, um tipo de afecção que, quando envolvida na ação, contém um elemento cognitivo, pois ao sentirmos medo, antes é necessário que tenhamos uma *consideração* – examinar com cuidado, respeito e veneração - de que daquilo que está presente diante nós é capaz de causar dano à nossa vida. Enfim,

O homem virtuoso não deve procurar extirpar suas emoções, como se a virtude fosse uma ausência de emoções, uma *apatheia*, como queriam os estóicos, mas, ao contrário, tomando-as como elemento indispensável da vida humana, ele deve buscar sua justa medida, graças à qual a ação será adequada e verdadeira do ponto de vista moral ao mesmo tempo em que fica ancorada nas emoções e paixões do agente. (ZINGANO, 2009, p. 143)

### **Amizade em Aristóteles: da paixão à virtude**

A amizade foi, ao longo da história, abordada das mais diversas formas: tratados, fragmentos filosóficos, máximas, poemas, romances, correspondências. Evocada e experimentada pelos homens desde os relatos homéricos e bíblicos, pensamos que é em Aristóteles, especialmente nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* (1987), que ela aparece de maneira organizada e definida.

Tomada como uma paixão, tal como a alegria, o ódio, a inveja, a compaixão, o medo, a cólera, etc., a amizade movimenta e constitui o homem e a cidade (*polis*). A sua função *política* significa que a cidade não tem uma vida solitária, isolada, mas se localiza em uma região e, por isso, deve estar aberta à convivência com outras cidades. Segundo ele, mesmo que a guerra esteja no horizonte dessas convivências, a amizade ainda é o maior dos bens que elas podem construir, no sentido de evitar ao máximo a discórdia.





A amizade parece também manter as cidades unidas, e parece que os legisladores se preocupam mais com ela do que com a justiça; efetivamente, a concórdia parece assemelhar-se à amizade, e eles procuram assegurá-la mais do que tudo, ao mesmo que repelem tanto quanto possível o facciosismo [fanatismo, sectarismo], que é a inimizade nas cidades. Quando as pessoas são amigas não têm necessidade da justiça, enquanto mesmo quando são justas elas necessitam da amizade; considera-se que a mais autêntica forma de justiça é uma disposição amistosa. (ARISTÓTELES, 1996, p. 257-258).

Enfim, a unidade da cidade (*pólis*) é obra da amizade, isto é, uma cidade é a comunidade da vida feliz, perfeita e autárquica e as relações que permitem essa vida em comum – a justiça - são obras da amizade, pois ela é a escolha refletida de viver bem e bem conviver. Portanto, fonte de felicidade para cada indivíduo e elemento de concórdia para a cidade, a amizade deve ser entendida como uma questão ética e também política.

A política, diz Aristóteles, orienta a ética, pois o homem só é verdadeiramente autárquico na *polis*; é aquela ciência prática cujo fim é o bem propriamente humano e esse fim é o bem comum. Na *polis*, a amizade significa a repartição da vida em comum com os outros (solidariedade), de tal maneira que faz parte da felicidade o prazer da companhia. A amizade é, pois, uma condição essencial para a realização da felicidade. Sem ela, o homem carece de algo necessário para a sua realização na convivência humana. Nessa perspectiva, ela diz respeito a qualquer atração recíproca de sociabilidade entre seres humanos que têm afeição uns com os outros e manifestam a consciência desse sentimento. Ela inclui todas as formas de atração que um ser humano pode ter em relação a outro (camaradas, amante e amado, marido e esposa, filho e filha, pai e mãe, concidadãos, etc). Nessa reciprocidade, os amigos se reconhecem como pessoas que têm sentimentos mútuos, tornando a amizade uma virtude ético-política que vincula relações de solidariedade no âmbito da comunidade.

Mediante essa virtude, os cidadãos se espelham entre si, constituindo um vínculo comunitário que os unifica no espaço público da *pólis*. Juntos, os homens formam uma unidade orgânica completa, perfeita e autossuficiente, perfazendo o bem ético da felicidade de cada um, impossível sem a integração do indivíduo na totalidade da comunidade política. (RAMOS, 2011, p. 44-45).

Além de sua dimensão e importância para a realização da vida política, a amizade está contemplada na filosofia aristotélica como uma das principais virtudes, ou seja, “ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens.”





(ARISTÓTELES, 1987, p. 139). A amizade pressupõe, portanto, que cada amigo deseje a mesma coisa com sua alma inteira, isto é, fazer desinteressadamente o bem ao amigo, desejar-lhe longa vida, desejar viver em sua companhia, compartilhar as mesmas ideias, opiniões e gostos bem como as alegrias e tristezas. Amizade tem a ver com o mundo dos desejos – desejar ao outro o que deseja para si próprio.

Na perspectiva aristotélica, mais que um desejo, a amizade é uma paixão, ou seja, é uma tendência implantada na natureza humana e um movimento da alma que está inscrito em nosso aparelho psíquico e que não podemos deixar de sentir e experimentar. É por meio dessa paixão que é produzido em nós o desejo de viver juntos, tornando-se uma virtude, um valor ético.

A amizade como virtude brotaria em uma situação bem concreta e seria despertada em nós por meio de um sentimento de apreço por alguém em razão da possibilidade de que ele nos oferece de nos dar prazer. Ante essa expectativa, aproximamo-nos dele, conversamos, trocamos ideias, compartilhamos pontos de vista e estabelecemos laços afetivos, sem ser condescendentes.

Nobre e bela, a amizade deve, então, ser louvada como o caminho mais vantajoso que nos leva à “excelência moral”, à *areté* – a virtude. Segundo Aristóteles, mesmo que tenhamos todos os bens, toda a riqueza e todo o poder, ou que vivamos na pobreza ou em qualquer outro tipo de infortúnio, não poderíamos passar sem a amizade. Os jovens teriam nela uma forma de evitar os erros da inexperiência; os velhos uma forma de socorro às enfermidades da idade e àqueles que estão na força da idade, ela inspira as belas condutas. A amizade, como um exercício, é uma caminhada que dois seres fazem juntos, em que a ternura, a afeição e a simpatia são suas formas de manifestação. As condições para essa experiência estão na nossa capacidade de estimar e bem querer o outro, ou seja, em um processo de benevolência partilhada, mútua.

Desejar o bem do outro, ser benevolente, é uma atitude que, portanto, não deve ser ignorada pelos homens, pois ela conduz ao relacionamento com as pessoas, ao estabelecimento de uma reciprocidade dos sentimentos e à manifestação ativa dessa







reciprocidade. Segundo o estagirita, podemos falar em três espécies de amizade, diferenciando-as somente pelo fim visado: aquela dirigida ao bem, ao agradável e ao útil.

A amizade fundada na utilidade considera apenas o benefício ou o proveito que pode ser tirado, isto é, a afeição pelo outro está nas vantagens que são esperadas, tendo em vista o interesse próprio, o que denota não uma reciprocidade, mas um amor a si próprio. A amizade agradável, por seu lado, está inspirada no prazer que o outro proporciona, tendo em vista apenas o deleite pessoal.

Essas amizades[a útil e agradável] são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. Eis porque tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141).

Ambas as amizades são passageiras e acontecem, sobretudo, entre as pessoas idosas (que procuram a utilidade) e entre os jovens (que procuram o prazer). Por outro lado, a amizade que visa o bem é perfeita e virtuosa, devendo ser a preferida de todos.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons — e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. E da mesma forma são agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141-142)

Portanto, a amizade virtuosa inclui e vai além de uma amizade útil e agradável e se diferencia do amor entre o amante e o ser amado, os quais, muitas vezes, são seduzidos e conduzidos por coisas mutáveis, passivas e motivadas pela satisfação pessoal, como alguma coisa de excessivo, endereçando-se, assim, a um único ser.

A vida em comum é a característica mais relevante da amizade perfeita, pois aqueles que estão em estado de fraqueza ou indigência têm a necessidade de ajuda e aqueles que são ricos gostam de se sentirem rodeados de pessoas, visto que a solidão é algo que incomoda e aflige. Como disposição duradoura, gostar de seu amigo é gostar do que é bom por si mesmo, o que pressupõe, portanto, uma igualdade, uma partilha da existência.





A amizade perfeita, sentimento reservado aos homens virtuosos, pressupõe o altruísmo como característica básica, que se deriva das relações do indivíduo consigo mesmo: desejar o bem de si mesmo é condição para o bem do outro. “O amigo é um outro ‘eu’.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 164). Para tanto, um dos requisitos essenciais é agir com prudência e justiça, e isto não apenas como um fim que está posto no futuro, mas uma condição mesma para nos tornamos prudentes e justos, pois os homens perversos, viciosos, imprudentes, indolentes são marcados por inclinações egoístas, o que os torna incapazes de amizade e até de gostarem de si mesmos.

Nos capítulos finais do Livro IX da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles sintetiza o que considera como fundamental para a experiência da amizade. A amizade (*philia*) é um sentimento que o homem, como animal político, deve cuidar; um exercício útil e agradável que, fundado na virtude, conduz-nos à felicidade. A abertura ao outro é a condição plena para uma vida feliz: o amigo sendo um outro “eu” nos proporciona uma satisfação completa. O homem feliz necessita, portanto, de amigos, pois seria absurdo possuir todos os bens e gozá-los solitariamente, sobretudo porque estamos destinados a viver em sociedade, isto é, na *pólis*. Dessa forma, a felicidade é o resultado desse exercício de contemplação das condutas virtuosas dos nossos amigos: o homem virtuoso se sentirá alegre e feliz quando conviver com as belas ações e se afligirá com aquelas que são inspiradas no vício. Em uma palavra, amizade e felicidade são experiências que estão ligadas.

Diferentemente dos animais, que são constituídos somente pela faculdade de sentir, o homem dispõe de algo mais: o pensamento. Sentir e pensar formam a essência da vida humana, revelando não apenas a nossa potência do agir, mas as nossas ações. Sentir e pensar representam a consciência de uma vida boa, agradável e virtuosa: é a alegria do existir. Existir com amigos é conviver, trocar palavras e pensamentos, é partilhar sentimentos. “Pois isso é o que o convívio parece significar no caso do homem, e não, como o gado, o pastar juntos no mesmo lugar.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 172).

Mas como definir o número de amigos? É bom ter muitos ou poucos? Mais uma vez, Aristóteles retoma a ideia de prudência (*phronesis*). Como a intimidade é uma característica essencial da amizade, um bom número de amigos se define na justa medida em que podemos







ter com eles uma vida comum, o suficiente para partilharmos os prazeres e os tormentos: querer agradar a todos é finalmente não ser amigo de ninguém, a não ser em uma amizade política, pois as amizades entre os concidadãos comportam um grande número de pessoas.

Portanto, o principal para se ter a experiência da amizade está em compartilhar uma vida. A amizade, como virtude, ou melhor, tendo em vista a vida feliz e virtuosa, é o meio para compartilhar a prosperidade e suportar as adversidades. A presença de amigos é preciosa, seja na alegria, seja na tristeza, tornando as dores leves e toleráveis.

A amizade é uma comunidade, em que os sentimentos que temos por nós mesmos, temos por um amigo. Como desejamos a nossa própria existência, desejamos a de um amigo e a consciência de sua existência se atualiza concretamente graças a essa vida em comum. (ARISTÓTELES, 1988, p. 79-80).

Portanto, viver na companhia dos amigos nos faz crescer, corrigir-nos mutuamente e nos tornarmos modelos uns para os outros. “A amizade entre os bons, e só ela, também é invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer um a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 143).

Enfim, fazer da amizade como paixão tornar-se uma virtude é um exercício que cabe a cada um nós realizarmos e isso só é possível se não extirparmos esse sentimento que nos constitui, mas encontrar uma justa medida em função e no meio das circunstâncias em que produzimos as nossas ações como, por exemplo, uma sala de aula.

### **A sala de aula: lugar de paixões e de amizade**

Do ponto de vista educativo, a sala é o espaço onde ocorre a aula, isto é, as lições que cada dia os professores dão aos seus alunos. Inserida na escola, seu núcleo e elemento insubstituível, a sala de aula seria um espaço limitado e limitador, hermético, fechado em um cômodo que foi construído ou adaptado para tal fim.

A história da sala de aula passou por vários movimentos até chegar ao modelo que conhecemos hoje. No entanto, com a necessidade de implantação de novos métodos pedagógicos para se organizar o ensino por grupos escolares diferenciados entre si, às vezes



por idade e outras por seus resultados de aprendizagem, a sala de aula foi se modificando. Ela passou a ter muitos elementos.

Não apenas os docentes e os alunos, mas também o mobiliário, os instrumentos didáticos, as questões da arquitetura escolar, tudo faz parte da sala de aula. Os bancos escolares, as lousas e os cadernos têm uma história e uma especificidade pouco conhecidas até hoje. Além desse aspecto material, a sala de aula implica também uma *estrutura de comunicação entre sujeitos*. Está definida tanto pela arquitetura e pelo mobiliário escolar como pelas relações de autoridade, comunicação e hierarquia que aparecem na sala de aula tal como a conhecemos, e que são tão básicas no momento de ensinar que muitas vezes passam desapercibidas. (DUSSEL, 2003, p.36-37. Grifo nosso).

Portanto, na sala de aula habitam pessoas e indivíduos que agem a partir de convicções, valores e sentimentos que foram ou estão se formando ao longo de suas vidas. Uma aula, por exemplo, não se reduz apenas a objetivos instrucionais e à assimilação consciente e racional de conteúdos por parte do aluno, mas se refere também a aspectos afetivos, sócio-culturais e comunicacionais que vinculam os personagens e sujeitos ali existentes.

Ao aceitarmos a aula como um conjunto de meios e condições, não podemos deixar de levar em conta que tais condições incluem aquelas ligadas aos aspectos sócio-afetivos dos alunos e professores para que a aula aconteça de forma a atingir seu propósito. (ROBSON, 2011, p. 81).

É nessa perspectiva que podemos considerar a sala de aula um local da experiências passionais e amistosas. Embora seja um espaço historicamente institucionalizado, a sala de aula pode ser um lugar para transgredirmos e edificarmos maneiras renovadas de nos relacionar. Para além dos conteúdos que aí circulam, é possível, e até mesmo necessário, que a comunidade escolar, sobretudo professores e alunos, crie e invente ocasiões para experimentar novos diálogos e novas relações. A sala de aula seria um espaço revolucionário, plural, de liberdade, de descoberta de si mesmo e de conversações com o mundo e com os outros.

Para tanto, podemos ou precisamos pensar, ou melhor, considerar que somos seres inacabados, dotados de sentimentos, de emoções e de paixões que nos mobiliza a todo momento diante das circunstâncias que experimentamos cotidianamente no ambiente escolar. Isto quer dizer que o nosso desafio, se quisermos intensamente fazer de nossas existências um momento que leve em conta não apenas a dimensão epistêmica e racional, devemos nos





abrir ao outro, como é o caso do mundo passional que nos constitui, não para anulá-lo, reprimi-lo, extirpá-lo e nem submetê-lo a desejos, ordens e regras, porém para nos fazer mais humanos e sensíveis, com as nossas dores, sofrimentos e alegrias. É esse modo de existência e de vida, marcadamente agônico, que nos levará ao reconhecimento de um “outro” de nós mesmos – as paixões - e o “outro” fora de mim – o amigo -, a ser considerado, ouvido, respeitado.

E a amizade, no seu sentido mais profundo e original- *philia* -, pode ser tomada como uma disposição, um sentimento, uma paixão e também uma ação mais decidida na direção de mim mesmo e do outro. E, por isso, ela tem a ver com a ética e, por consequência, com a educação e a prática pedagógica que ocorre na sala de aula.

Embora consideremos a sala de aula como espaço ético, no sentido que foi exposto até agora, é costume tomá-la como um “momento privilegiado em que se processam o ensino e a aprendizagem, confronto de ideias entre professor e aluno, entre alunos e alunos, busca do aprimoramento de técnicas para maior *racionalização da transmissão de conteúdos*.” (NOVASKI, 1995, p.11. Grifo nosso). Mas, o que quero chamar a atenção é que se, mesmo tradicionalmente são utilizados como campos inerentes ao ato pedagógico, o ensino e a aprendizagem constituem ocasiões tensas, inquietantes, apaixonantes que, bem examinadas, são fontes de momentos importantes e até desejáveis para criarmos maneiras novas de relações existenciais.

Na sala de aula, como já dissemos, não se dá apenas a relação professor-conhecimento-aluno, ou melhor, uma relação epistêmica e racional, em que a apreensão de conceitos, ideias e teorias é predominante. Há movimentos e movimentações nesse processo, isto é, somos levados de um lugar e de situações para outros, o que exige que estejamos abertos a aumentar as nossas experiências e vivências, configurando “um processo de ensino-aprendizado realmente humano.” (NOVASKI, 1995, p.11). Esse humano é marcado pela vulnerabilidade e pelo imponderável, como é o caso das paixões, que não é pré-determinado e não pode conhecer e conceber a prioristicamente o que virá pela frente, devendo enfrentar as incertezas, as dúvidas e o caráter precário do existir.





Desse ponto de vista, à sala de aula cabe tornar-se não apenas um lugar de encontro para passar as lições, mas que as mais diversas, variadas e contraditórias perspectivas, expectativas, sentimentos e emoções que nos constitui possam se manifestar e que sejam levadas em consideração na prática pedagógica. Como sabemos, as pessoas entram ali, constroem relações, momentos nos quais os interlocutores experienciam perspectivas em uma troca permanente de conteúdos epistêmicos, vivenciais e passionais, em que as conversas produzem e fazem surgir e acumular informações enriquecedoras. “Como são infundáveis as perspectivas desde as quais um assunto pode ser abordado, vemos aí então que a aprendizagem não termina nunca, o que torna perigosa, diria mesmo ridícula, a postura de quem se acha o dono do saber.” (NOVASKI, 1995, p. 12).

A escola pode tornar-se um espaço onde as pessoas se aproximam, construindo momentos privilegiados de encontros movidos e originados por sentimentos e paixões que nos levem a dignificar as nossas existências. Mas é verdade também que ela pode - e geralmente o faz -, afastar as pessoas das pessoas, o que muitas vezes pode estar despertando outros tipos de paixões que, se não tivermos bem educados para lidar com elas, podem nos levar à violência no âmbito escolar. Talvez seja por aí que possamos compreender alguns fatos que efetivamente ocorrem na ou a partir da escola.

De antemão, é preciso levar em conta que o ensinar-aprender do homem não se realiza apenas como interioridade, como cognição em que conceitos, valores e teorias são assimilados. É também importante se aproximar daquilo que está perto de nós, isto é, o Outro, que pode dar sentido a uma vida diferente de mim. É preciso ponderar que “todas as vicissitudes humanas perpassam de ponta a ponta nesse espaço e tempo, vicissitudes que podem ser traduzidas em conflitos, alegrias, expectativas mal ou nunca satisfeitas, recalques, exibicionismo, esperanças, avanços e retrocessos, enfim, tudo o que é humano.” (NOVASKI, 1995, p. 14). Portanto, o professor como também o aluno deveriam estar atentos para responder aos apelos – nem sempre verbais - que emergem no ambiente da sala de aula. Essa responsabilidade significa que eles devem ir além dos conteúdos, transportar-se para além da sala de aula, reconhecendo os limites, a finitude, a complexidade e a fragilidade humana.





A importância de se considerar a presença e de mediar o conhecimento e o aprendizado pelo outro, a partir da sala de aula, pode contribuir na criação de uma convivência social de outro nível que, sem atribuir à escola o papel de redentora da sociedade, pode favorecer transformações significativas em nossas atitudes. O esperado, portanto, é que se aponte para a importância central do outro, inclusive para o estabelecimento efetivo de um processo de construção cognitiva, processo este que, sem a presença do outro, permanece parcial, precário, ou até mesmo irrealizado. Para essa nova experiência, podemos colocar o tema da amizade em nossas perspectivas educacionais, no sentido de despertar e manifestar desejos, sentimentos, paixões e disposições jamais vividos, pensados e ditos.

### **Considerações finais**

As reflexões que trouxemos neste trabalho tiveram como objetivo dividir algumas inquietações acerca dos desafios que são enfrentados e vividos na sala de aula, de maneira a compartilhar e expor elementos que possam contribuir para pensarmos alternativas que enfrentem as agruras e os dramas que estão latentes no ambiente escolar, pois as saídas que muitas vezes se apresentam ou são apresentadas pretendem resolver a situação a partir de uma perspectiva demasiadamente esperançosa, desumanizando o humano que há em nós, com nossas paixões e sentimentos, criando uma expectativa de relações harmônicas entre os humanos, em direção a um mundo sem discórdia e sem conflitos. Isto exige de nós considerar a realidade é constituída por um o combate entre forças antagônicas e complementares nela existentes, tal como afirma o filósofo pré-socrático Heráclito: “o conflito é o pai de todas as coisas: de alguns faz homens; de alguns, escravos; de alguns, homens livres.” (HERÁCLITO, 1989, p. 56).

A perspectiva heraclitiana nos permite propor uma posição e uma leitura que olha e vê o mundo em permanente modificação, fluindo e refluindo como o ritmo das brônzeas batidas de um badalo em um sino, como comenta Nietzsche (HERÁCLITO, 1989, p. 75). Não haveria um ser em geral, uma essência das coisas ou uma terra firme, mas um permanente vir a ser.

Um vir-a-ser e perecer, um construir e destruir, sem nenhum discernimento moral, ternamente na mesma inocência, tem, neste mundo, somente o jogo do artista e da criança. E assim joga





a criança e o artista, joga o fogo eternamente vivo, constrói e destrói, em inocência [...] Transformando-se em água e terra, faz, como uma criança, montes de areia à borda do mar; faz e dismantela; de tempo em tempo começa o jogo de novo. Um instante de saciedade: depois a necessidade o toma de novo, como a necessidade força o artista a criar. [...] O impulso lúdico, que sempre desperta de novo, que chama à vida outros mundos. Às vezes, a criança atira fora seu brinquedo: mas logo recomeça, em humor inocente. (NIETZSCHE In: HERÁCLITO, 1989, p. 79).

Portanto, ao tratarmos ou propormos a amizade como uma paixão e como uma virtude nos abre a possibilidade de ampliar o nosso horizonte acerca da escola e da sala de aula, de maneira a pensarmos “outros mundos”, considerando o dinamismo das vidas que ali existem.

E para que isto aconteça é preciso colocar a ética no horizonte de nossas práticas pedagógicas, pois ser professor e aluno não é apenas se dedicar à dimensão epistêmica-racional. Somos éticos também. Ou seja, pensar a relação entre professor e aluno, na perspectiva da sala de aula, tomando o tema das paixões e da amizade como elemento provocador de reflexão e de novas posturas, pode colaborar na formulação de práticas intersubjetivas no ambiente escolar.





## Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores, v. 2)
- \_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco e outros*. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Os pensadores)
- DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.
- HERÁCLITO In: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989 (Os Pensadores).
- NOVASKI, Augusto João Crema. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. In: MORAES, Regis (org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 1995, pp. 11-15.
- RAMOS, Cesar Augusto. Ética e política em Aristóteles. In: CANDIOTTO, Cesar (org.). *Ética: abordagens e perspectivas*. Curitiba: Champagnat, 2011, pp. 29-50.
- ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de Formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 80-85, v. 9.
- ZINGANO, Marco. *Aristóteles: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13 – III 8*. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Estudos de ética antiga*. São Paulo: Paulus/Discurso Editorial, 2009.